

Ciência, gênero e infância: reflexões teóricas a partir da série animada “O Show da Luna”¹

Emanuelly Menezes VARGAS²

Desireè Ribas FUMAGALLI³

Juliana PETERMANN⁴

Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

O presente artigo tem o intuito de propor uma reflexão teórica e conceitual a partir das relações de gênero em associação com a ciência na infância, tomando como panorama empírico a série de animação *O Show da Luna*. Para tanto, fundamenta-se metodologicamente em inspirações da pesquisa bibliográfica, como forma de compor uma perspectiva dialógica entre os três conceitos centrais: ciência, gênero e infância. Entre os resultados, destaca-se a importância de ampliar a compreensão da ciência, admitindo o enfoque social, histórico e cultural, para que seja possível desnaturalizar práticas e papéis desempenhados por homens e mulheres de acordo com as áreas de atuação.

Palavras-chave

ciência; gênero; infância; série animada; *O Show da Luna*.

1 Introdução

Este artigo tem o objetivo de tensionar os conceitos ciência, gênero e infância a partir de uma reflexão teórica com base na série de animação *O Show da Luna*. Delimitamos a aproximação teórica com base no desenho animado *O Show da Luna*, ao considerar um caráter alternativo no que se refere à prevalência das animações que envolvem a relação entre ciência e questões de gênero. Logo, acreditamos que a animação selecionada possibilita relacionar diferentes perspectivas teóricas, levantando questionamentos e reflexões acerca dos conceitos centrais para essa discussão.

¹ Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Bolsista FAPERGS. Estudante do 7º semestre do curso de Comunicação Social – Produção Editorial da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: emanuely.mvargas@gmail.com

³ Bolsista CAPES. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: desireeribas@gmail.com

⁴ Professora Adjunta do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: petermann@ufsm.br.

Assim sendo, recorreremos a autores e autoras de acordo com os três eixos principais de pesquisa: ciência, gênero e infância. Com o objetivo central de tensionar esses conceitos, buscando perspectivas dialógicas a partir do objeto empírico midiático.

A principal autora que ampara as discussões acerca da ciência é Maria Clara Lopes Saboya (2013). A compreensão das relações de gênero será concebida principalmente a partir de Ruth Sabat (2004). E, por fim, a abordagem da infância, que atua como esfera contextual para abarcar os conceitos anteriores, é abordada com apoio de Lucimary Bernabé Pedrosa de Andrade (2010) e Lev Vygotsky (1991), através da psicologia do desenvolvimento.

2 Método

Buscaremos apoio na pesquisa bibliográfica aliada a uma análise qualitativa para compor a inspiração metodológica desta discussão. Ressaltamos a orientação para a pesquisa bibliográfica não como forma operacional de mapeamento de pesquisas que envolvam o tema, mas como uma forma inicial de aproximação teórica. Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica é fundamentada no processo de coleta de informações de diferentes áreas do conhecimento com o objetivo de apoiar a construção de tensionamentos teóricos (STUMPF, 2009).

No que se refere a análise qualitativa, buscamos estabelecer um parâmetro didático através da divisão em fases da narrativa presentes no desenho animado. Essa estratégia operacional foi realizada para facilitar a relação entre a teoria e o objeto empírico.

2.1. A série de animação *O Show da Luna*

A seleção da série animada *O Show da Luna* como embasamento empírico para essa reflexão teórica advém de uma análise prévia de animações de modo geral, na qual verificou-se a frequente ausência de meninas e mulheres, desempenhando a posição de cientistas/pesquisadoras/curiosas.

Destacamos cinco exemplos de animações que possuem personagens que compreendemos por cientistas: As Meninas Superpoderosas, O Laboratório de Dexter, As Aventuras de Jimmy Neutron, Johnny Test e Phineas e Ferb.



Figura 1 - Still de As Meninas Superpoderosas, O Laboratório de Dexter, As Aventuras de Jimmy Neutron, Johnny Test e Phineas e Ferb, respectivamente.

Fonte: Imagem de divulgação: Cartoon Network, Cartoon Network, Nickelodeon, Cartoon Network e Disney Channel, respectivamente.

As Meninas Superpoderosas é uma animação na qual o pai, professor Utônio, é o cientista responsável por “inventar” as meninas em seu laboratório e também se torna o responsável por elas, apesar de não ser o personagem principal, o professor teve a grande contribuição de criar as meninas que salvam o mundo diariamente.

O Laboratório de Dexter, em seu laboratório, Dexter, um menino, é o cientista que com frequência é atrapalhado por Deedee sua irmã.

As Aventuras de Jimmy Neutron, o Menino Gênio, um menino de 10 anos que é considerado gênio e têm grande habilidade para desenvolver máquinas.

Johnny Test, o personagem principal, Johnny não é gênio, mas suas irmãs mais velhas são. Esse é um desenho que chama a atenção, porque apesar de ter mulheres no papel de cientistas, elas, diferentes dos outros personagens cientistas dos outros desenhos, quase sempre voltam sua atenção para desenvolver questões que podem ser consideradas fúteis ou de um "universo feminino", definido com base no senso comum, como uma máquina para remover espinhas.

Já a animação Phineas e Ferb conta a história de dois meninos que apesar de não se declararem nem serem declarados cientistas criam diversas máquinas para se divertir e explorar sua curiosidade e criatividade. Esse desenho ainda conta com outro cientista, Dr. Heinz Doofenshmirtz, um espécie de vilão que cria diversas máquinas para o mal. É interessante notar que Phineas e Ferb tem uma irmã e uma mãe que aparecem com alguma frequência mas que jamais participam ou são capazes de compreender as invenções dos garotos. É frente a este cenário que encontramos o desenho *O Show da Luna*.



Figura 2 - Still de O Show da Luna.

Fonte: Imagem de divulgação, Discovery Kids.

A série de animação propõe uma perspectiva diferente das anteriores, pois além de contar com uma personagem feminina como protagonista, é ambientada em um contexto investigativo, rompendo paradigmas de gênero, com uma menina questionadora e apaixonada por ciência. A plataforma online destinado à animação descreve Luna na seguinte sentença:

Oi! Sou eu, a Luna. Eu adoro brincar com o meu irmãozinho Júpiter e o meu furão de estimação, o Cláudio. Todos os dias depois da escola, nós brincamos de fazer experimentos científicos. Eu gosto muito de fazer de conta que sou um montão de coisas para investigar e tentar saber como tudo funciona. Depois, é claro, a gente faz um show para o papai e para a mamãe contando o quê descobrimos! Isso é muito legal! (O SHOW DE LUNA, online)

Portanto, Luna é uma menina que tem como principais companheiros de aventura seu irmão e seu furão de estimação. Ela se distingue dos demais desenhos pois, apesar de não ser o que entendemos por cientista, questiona os acontecimentos: é ela quem cria hipóteses e de forma geral toma as decisões e coordena o processo investigativo na trama.

Acreditamos que essa série de animação nos permite propor um olhar mais sensível sobre a interface ciência, gênero e infância. Nesse sentido, destinaremos os próximos momentos para compreender alguns prismas teóricos que embasam essa reflexão.

3 Ciência, gênero, infância

O conceito de infância se constituiu pela avaliação de diversos períodos históricos, assim como os conceitos de gênero e de ciência. De acordo com Andrade (2010) a primeira noção de infância surgiu ligada a uma perspectiva adultocêntrica, ou seja, as crianças exerciam sua função social na medida em que incorporavam funções desempenhadas por adultos. Com a ascensão da burguesia, o modelo familiar sofre modificações em sua estrutura, devido necessidade e desejo de privacidade. Nesse momento, se reforça no contexto familiar a caracterização de papéis sexuais: “o homem passa a ser visto como provedor, devendo, portanto, fazer parte do mundo público, e a mulher, responsável pela casa e educação dos filhos, fazendo parte do mundo privado” (ANDRADE, 2010, p. 50).

A criança só adquire seu papel, diferenciando-se do adulto, no capitalismo, quando sua função é compreendida socialmente. Nesse momento, é destacada a fragilidade da criança, e a necessidade de dependência de um adulto para sua socialização (ANDRADE, 2010). Hoje, o Estatuto da Criança e do Adolescente, em seu artigo segundo, considera criança, a pessoa até doze anos de idade incompletos. No entanto, devemos compreender a infância não somente pela faixa etária, mas como um processo resultante das transformações sociais.

A psicologia do desenvolvimento nos auxilia a compreender a infância como uma categoria complexa. Uma vez que, o desenvolvimento da criança é um processo dialético em que as relações sociais desempenham papel fundamental. Vygotsky (1991) considera o ambiente externo como um dos principais fatores que interferem no desenvolvimento e na aprendizagem da criança. Nesse ambiente externo delimitamos a esfera midiática, através da série de animação, como uma importante instância que contribui com a aprendizagem infantil. Ao considerar esses pressupostos, acreditamos que propor tensionamentos entre a interface ciência e gênero seja essencial para compreender e problematizar as referências disponíveis midiaticamente por um viés que busca questionar os papéis e representações de gênero no que se refere à ciência.

Para Silva e Ribeiro (2011) a ciência não é nem nunca foi um espaço neutro (mesmo as ciências ditas exatas, as chamadas ciências *hard* mais ligadas aos números, como física ou engenharias) e, portanto, acreditava-se menos suscetíveis a influência da cultura. Mas devemos salientar que também são uma construção social e histórica.

Críticas feministas à ciência, colocam a prova, a partir da perspectiva de gênero, a crença de uma ciência isenta de personalidade, onde a pessoa que faz não interfere em seu resultado.

Instrumentada pelo conceito de gênero, a crítica feminista questiona o forte viés sexista e androcêntrico que permeia a ciência, que define o homem branco, heterossexual, capitalista, ocidental como sujeito do conhecimento, os pressupostos epistemológicos que orientam o fazer científico, a forma como são socializados os sujeitos que buscam seguir na ciência, entre outros aspectos. (SILVA; RIBEIRO, 2011, p. 02)

Para Saboya (2013), a ciência como campo epistemológico se constrói no masculino. Ao longo de seu percurso, a ciência se constituiu ignorando a sua história, tratando a si mesma como imune a variáveis, buscando uma objetividade e neutralidade nos seus resultados e também no seu modo de fazer. Ao se considerar culturalmente neutra e colocar-se em uma posição livre de valores e separáveis de seus usos sociais, desconsiderando, por exemplo, que seus impactos podem ser ou não benéficos e se isentando de sua responsabilidade, torna-se incapaz de observar suas construção como prática, ponto que é fundamental para nossa discussão.

Entendemos que a relação entre o conhecimento científico e o poder estão intimamente ligados, de acordo com Sabat (2004, p. 03):

As inúmeras instituições políticas e sociais próprias do capitalismo desenvolveram vários mecanismos visando à normalização do indivíduo. Para alcançar tal objetivo, vários saberes foram produzidos tanto no que diz respeito ao corpo, quanto ao comportamento.

Esses saberes que buscam a normalização de corpos e comportamentos são produzidos no campo da ciência. A ciência legítima e é legitimada por esses saberes. Por esta razão consideramos que é tão valioso o tensionamento entre campos, pois a mesma ciência que não se configura como um lugar “natural” para mulheres, acaba por definir não só o que é “natural para mulheres” como inclusive o que pode ou não ser considerado mulher, através do fundacionalismo biológico.

Silva e Ribeiro (2011) problematizam em seu texto questões tomadas como naturais, especialmente no que diz respeito a naturalização que existe na distribuição de homens e mulheres nas áreas de pesquisa. De acordo com seu levantamento há um número bem menor de mulheres em áreas da ciência *hard*. Ao indagar uma das mulheres cientistas que foram entrevistadas em sua pesquisa sobre essa divisão, a entrevistada disse que acreditava se tratar de uma predisposição de homens e mulheres

que estava relacionada a sua formação neural. Silva e Ribeiro (2011, p. 17) destacam então que:

Nessa direção, o que buscamos é chamar a atenção para os efeitos produtivos dos discursos produzidos pela neurociência na constituição dos sujeitos, especialmente na interpelação e constituição das participantes desta pesquisa, ao evocarem as pesquisas “científicas” nas suas narrativas.

É preciso destacar que, apesar de termos a compreensão de que a ciência como campo epistemológico se constrói no masculino, isso não impede e jamais impediu a contribuição de mulheres. Nossa intenção não é de forma alguma contribuir para o processo de invisibilização das mulheres na ciência com este trabalho.

Reconhecemos a contribuição constante e de longa data das mulheres para o desenvolvimento científico que temos hoje. Para Silva e Ribeiro (2011, p. 10),

até o início do século XX, a ciência era culturalmente definida como uma carreira imprópria para as mulheres. Entretanto, muitas mulheres, ‘traindo sua própria natureza’ participaram da produção do conhecimento científico.

Logo, este trabalho objetiva tensionar a relação entre ciência, gênero e infância com o campo midiático, a fim de problematizar estes espaços.

Ao observar nosso objeto empírico, o desenho animado *O Show da Luna*, percebemos um padrão em sua narrativa: há oito fases que sempre se repetem independentemente da temática do episódio. Nós as chamamos: *contextualização*, *encontro do fenômeno*, *curiosidade expressa*, *proposições*, *insatisfação*, *entrada no faz de conta*, *resposta musical*, *show*.

O episódio sempre começa com Luna, Júpiter e Cláudio brincando ou fazendo algo que os levará à temática do episódio, chamamos esta fase de *contextualização* pois, apesar de não apresentar o fenômeno ainda propriamente dito, já começa a contextualizar a criança, relacionando-o com coisas que ela provavelmente já conhece. Por exemplo, no episódio sobre sondas em Marte, Luna e Júpiter começam o episódio montando e desmontando um robô de brinquedo. No episódio sobre mistura de pigmentos, começam fazendo desenhos com tinta. No episódio sobre plantas que não nascem de sementes, começam na horta plantando um broto de feijão que Luna trouxe da escola.

Em dado momento da brincadeira ou da atividade acontece algum fenômeno que surpreende as crianças. Denominamos este como *encontro do fenômeno*. Por exemplo: O sol que Luna pintou em seu desenho com tinta amarela fica verde. As crianças não

encontram sementes na banana para que possam plantá-la. Ao observar Marte, as crianças percebem que, apesar dos marcianos serem descritos como verdes no senso comum, o planeta é vermelho.

Após perceber o evento que os surpreende, Luna fica curiosa, formula a questão que será guia para o episódio, fala o bordão “eu quero saber” e toca a música tema da menina. Chamamos esta fase de *curiosidade se expressa*. Para exemplificar esta fase temos alguns recortes de fala de diferentes episódios: “Eu quero saber, eu quero muito saber, afinal como será que são os marcianos?”, “O que era amarelo ficou verde, afinal o que está acontecendo aqui? Eu quero saber.”, “Como nasce uma banana? Eu quero saber, precisamos descobrir isso.” Então após formular a questão, toca a música “Eu quero saber”: “Eu quero saber/ Por que o gato mia/ Verde por fora/ Vermelho por dentro/ É a melancia/ Eu quero saber/ Não quero dormir/ O que tá acontecendo/ Eu vou descobrir/ Eu quero saber/ Pra que que serve a lua/ Eu tenho tantas perguntas/ Por que que a pulga pula/ Eu quero saber/ Não quero dormir/ O que tá acontecendo eu vou descobrir!”

Depois de cantar sua música, Luna propõe uma hipótese e eles realizam algum experimento a fim de investigar o que lhes despertou tanta curiosidade, chamamos esta fase de *proposições*. Identificamos esta fase nos seguintes trechos, por exemplo: Luna propõe um experimento, plantando as bananas e pressupondo que as bananas seriam a própria semente. Luna propõe que eles observem Marte por uma luneta, a fim de verificar se há alguém vivendo lá. Ao perceber que as tintas se misturam, Luna propõe pintar de amarelo seu patinho de borracha, que é azul, para ver se ele fica verde.

O experimento proposto por Luna nunca é a chave para uma resposta satisfatória, chamamos essa fase de *insatisfação*. Apesar de os experimentos até esclarecerem algum ponto, geralmente levantam ainda mais questões e sua resposta não é considerada satisfatória pelas crianças. A fase da insatisfação vem logo após a aplicação do experimento. Por exemplo, quando as crianças tentam pintar o pato de borracha azul de amarelo, para verificar se ele ficará verde, o pato fica apenas sujo de tinta amarela. Quando as crianças plantam duas bananas na terra pressupondo que elas são as sementes, verificam com o passar dos dias que nada acontece. Frustram-se quando não conseguem observar nenhum marciano através da luneta.

Ao não obter respostas satisfatórias, Luna propõe que eles entrem no mundo de faz de conta, fase que denominamos *entrada no faz de conta*. Neste momento, Luna,

Júpiter e Cláudio se transformam magicamente em algo do universo que está sendo investigado, como passarinhos, planetas ou uma gotícula de água. Além disso, Cláudio, o furão, que até o momento apesar de interagir com as crianças não tinha nenhuma fala, é capaz de falar como um ser humano. Ao entrar no faz de conta as crianças sempre encontram o fenômeno investigado personificado de alguma forma: bananas, bananeiras e um rizoma capazes de falar. Os elementos do desenho como o sol verde e as cores azul, amarelo e vermelho capazes de interagir com as crianças. Ou mesmo a sonda *Curiosity* da NASA, representada como um robozinho cheio de personalidade.

O fenômeno ou algum elemento chave canta uma canção que fornece respostas para a pergunta inicial, chamamos esta fase de *resposta musical*. No episódio sobre bananas, as bananas e a bananeira cantam uma canção que explica como uma bananeira dá origem a outra através do rizoma e assim dispensa semente. No episódio do amarelo que virou azul, as cores cantam e explicam como funciona sua mistura através dos pigmentos. No episódio sobre Marte, a sonda canta uma canção sobre as características do planeta.

Por fim, as crianças saem do mundo do faz de conta e apresentam um show que reitera as respostas encontradas para a questão. Essa fase chamamos de *show*. Normalmente este show é apresentado para os pais ou mesmo para brinquedos, repetindo a música cantada pelo fenômeno no faz de conta com pequenas alterações.

Ao observar os padrões da narrativa, salta aos olhos um ponto muito importante: a participação constante de Luna em todos os aspectos da pesquisa. Isso pode parecer óbvio, dado o nome do desenho, “*O Show da Luna*”, mas, como já foi mencionado neste texto, em comparação com outros desenhos que têm personagens cientistas e até mesmo com a realidade de mulheres cientistas no Brasil e no mundo, *O Show da Luna* está bem a frente no que se refere à abordagem do gênero.

Apesar de já termos avançado muito no que diz respeito à participação quantitativa de mulheres na ciência, ainda temos muito a avançar na participação qualitativa. Quando apontamos a participação qualitativa, não temos o intuito de fazer juízo de valor das produções destas mulheres, mas nos referimos a qualidade política de sua participação, aos recursos e condições aos quais tem acesso e, ainda, ao reconhecimento que possuem. Silva e Ribeiro (2011, p. 03) discutem este ponto em seu texto:

As últimas décadas testemunharam consideráveis avanços no que diz respeito à inserção e à participação das mulheres no campo científico. Atualmente, é possível perceber o número significativo de mulheres em muitas universidades do país como docentes e pesquisadoras, como estudantes de graduação e pós-graduação, no entanto, apesar do crescimento significativo da presença feminina na ciência, ainda se evidencia que essa participação vem ocorrendo de modo dicotimizado ou ainda está aquém da masculina, bem como as mulheres ainda não avançam na carreira na mesma proporção que os homens.

Sobre a participação das mulheres em determinadas áreas, podemos notar um forte contraste entre a fantasia no desenho e a realidade: enquanto Luna investiga fenômenos que colocamos dentro da área de pesquisa das ciências ditas naturais e exatas, como a refração da luz nas gotas de água para formar o arco íris ou a gravidade, as mulheres no cotidiano tem muito mais dificuldade de se inserirem neste campo. De acordo com Saboya (2013, p. 07):

Melo (2008) mostra que as mulheres pesquisadoras estão destacadamente presentes na produção do conhecimento no Brasil e, em certas áreas (excetuando-se os patamares de tomada de poder e decisão), como nas ciências humanas e sociais, as mulheres constituem ampla maioria, sendo sua presença inequívoca e sua atuação expressiva, o que acontece também nas áreas ligadas à saúde, onde cresceu muito o número de mulheres, com importantes nomes realizando pesquisas de relevância mundial.

Acontece então o que Lombardi (2008 apud SABOYA, 2013, p. 17) chama de segregação horizontal. Este conceito se refere a segregação em áreas de trabalho. Entendemos que esta segregação pode acontecer de uma forma macro: segregando as mulheres em áreas do conhecimento específicas, como nas ciências sociais e humanas (ditas mais *soft*) ou ciências da saúde, ligadas ao cuidado que historicamente é atribuído a mulheres. Também pode acontecer de maneira micro, com mulheres que rompem com a segregação macro e se aventuram nas ciências onde predomina a presença de homens, ou mesmo mulheres nas ciências sociais e humanas ou da saúde, mas que trabalham em ambientes demarcados por grande presença masculina. A segregação no nível micro acontece quando, dentro da própria área, a mulher é segregada, por ser mulher, a tarefas específicas.

Para Rossiter (1982, 1995, 2003 apud SABOYA 2013), é ao delegar às mulheres tarefas extremamente especializadas, de forma geral mais repetitivas e mal pagas, e também as tarefas que exigem cuidado e atenção, como se isso fosse inerente a mulheres, que o preconceito se revela. Este tratamento exclui as mulheres de fazer tarefas que exigem decisão e também impede que estas consigam desenvolver trabalhos

que façam seu capital científico aumentar causando assim outro tipo de segregação, a chamada segregação vertical.

Dentro da segregação vertical podemos destacar dois conceitos que ilustram e nos ajudam a entender a dinâmica deste conceito: o teto de vidro e a escada rolante de vidro.

Para Christine Williams (1995 apud SABOYA, 2013), podemos visualizar a dificuldade que as mulheres têm de subir na carreira no que ela denomina “teto de vidro”. Esta expressão pode causar alguma confusão devido ao ditado popular, mas aqui o conceito se refere a um teto de vidro que apesar de não ser facilmente visualizado impede que as mulheres passem de certo ponto na escalada da carreira. Os homens, além de não terem o teto de vidro, contam com o que a autora chama de “escada rolante de vidro”, que como o termo sugere seria uma escada rolante que, apesar de difícil de ser visualizada, os impulsiona e facilita sua ascensão na carreira e o alcance a postos e cargos com importância estratégica e fonte de prestígio. A segregação vertical pode ser notada na escalada hierárquica da carreira, mas também nas práticas diárias da pesquisa. Sobre este ponto Saboya (2013, p. 16) aponta que:

Lombardi (op. Cit.) verifica as razões de várias ordens que buscam justificar uma aparente inadequação (ou desinteresse) entre mulheres e Engenharia, destacando as origens militares dessa área do conhecimento, o exercício de funções de comando, as duras condições de trabalho e os estereótipos que associam à razão e ao masculino os conhecimentos e habilidades em Matemática e Física assim como o interesse por máquinas e tecnologia, em contraposição à emoção e ao cuidado, terrenos do feminino, que nos remetem diretamente à esfera das representações sociais e de gênero.

É difícil fazer um comparativo entre o que acontece na realidade com as mulheres sobre ascensão na carreira e o desenho *O Show da Luna*, já que ela é uma menina que não está, no universo do desenho, inserida em um ambiente competitivo. Porém, ao comparar o que diz respeito às práticas, é possível sim destacar alguns pontos onde a situação de Luna parece inversamente proporcional a das mulheres na vida real.

Enquanto as mulheres no cotidiano têm dificuldade de tomar posições onde possam tomar decisões e comandar a pesquisa, destacamos algumas falas de Luna que demonstram uma situação contrária: “Temos que fazer o experimento de novo”, “Será que esse pontinhos pretos são as sementes?”, “Ajudante número um, cientista Júpiter, descasque a banana e passe pra mim, por favor. Cientista furão Cláudio, me passe a outra banana com casca e cave dois buraquinhos na horta do papai.” Percebemos em sua fala que ela coordena o processo investigativo. E como já apontamos anteriormente, ao

destacarmos as fases da narrativa, é ela quem cria hipóteses e propõe experimentos (na fase das proposições). Isso nos parece de grande importância pois ao propor hipóteses e experimentos ela não só tem espaço para declarar sua leitura de mundo como direciona o destino da pesquisa que eles estão executando. Neste momento, Luna toma o poder. Para Silva e Ribeiro (2011, p. 7):

Tomar o poder numa perspectiva foucaultiana pressupõem romper com oposições binárias entre dominantes e dominados, na direção de compreender o poder como uma relação de forças, de ações sobre ações que funcionam em rede, na qual os sujeitos não só circulam, mas estão em posição exercer o poder e de sofrer sua ação e, conseqüentemente, de resistir a ele.

Um processo de desconstrução, tal como elucidado no desenho, permite perturbar a ideia dicotômica de existência de um dominante e um dominado, e observar que o poder se exerce em várias direções (LOURO, 2008).

Nesse momento, reiteramos a concepção de infância, como o ambiente no qual as crianças entram em contato com relações de poder naturalizadas, bem como, locais e papéis sociais demarcados. Nesse panorama, a existência de uma série de animação que se afasta do convencional, apresentando diferentes lugares de fala para cada protagonista e instigando as crianças a questionar, parece ser um interessante objeto para refletir acerca das questões aqui levantadas. Bem como, para conceber o papel da mídia, especialmente na infância, a partir de um caráter mais voltado para a aprendizagem social e menos direcionado para a propagação de relações de poder generificadas.

5 Considerações finais

Ao longo dessa reflexão teórica, que adotou a série de animação *O Show de Luna* como pressuposto para pensar diferentes perspectivas no que se refere a representação da interface ciência e gênero, percorremos diferentes conceitos e possibilidades de tensionamento.

Destacamos a importância de ampliar a compreensão da ciência, admitindo o enfoque social, histórico e cultural, para que seja possível desnaturalizar práticas e papéis desempenhados por homens e mulheres de acordo com as áreas de atuação. Nesse sentido, salientamos a concepção do gênero, por um viés que abandona o determinismo biológico e os binarismos, mas compreende as relações sociais e busca romper com as estruturas de poder a partir de novos olhares. Acreditamos que a série

animada, através de sua protagonista, corrobora com a configuração de um direcionamento alternativo, e permite novas perspectivas para a relação ciência e gênero.

A noção de infância demarcou o pano de fundo dessa discussão, no sentido de evidenciar que as relações que permeiam a aprendizagem infantil são complexas e, portanto, merecem um espaço nas atuais discussões teóricas, especialmente, no que se refere às problematizações voltadas para o protagonismo feminino e discussões de gênero atreladas à diferentes áreas do conhecimento.

Referências

ANDRADE, L. B. P. **Educação infantil**: discurso, legislação e práticas institucionais. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/h8pyf/pdf/andrade-9788579830853-06.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

O SHOW da Luna. Disponível em: <<http://www.oshowdaluna.com.br/saber.html>>. Acesso em 30 mar. 2017.

SABAT, R. Educar para a sexualidade normal. In: **Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED**, 2004, Caxambu (MG). Sociedade, democracia e educação: qual universidade?. Manaus (AM): Microservice tecnologia digital da Amazônia, 2004. p. 1-14.

SABOYA, M. C. L., Relações de gênero, ciência e tecnologia: uma revisão da bibliografia nacional e internacional. **Educação, Gestão e Sociedade**: revista da Faculdade Eça de Queirós, v. 12, n. 12, nov. 2013. Disponível em <<http://faceq.edu.br/regs/downloads/numero12/RelacoesdeGeneroCienciaeTecnologia.pdf>>, acesso em 17 abr. 2017.

SILVA, F. F.; RIBEIRO, C. P. R., A participação das mulheres na ciência: problematizações sobre as diferenças de gênero. **Revista Labrys Estudos Feministas**, n. 10, jul./dez. 2011. Disponível em <<http://www.sexualidadeescola.furg.br/index.php/biblioteca/artigos?download=12>>. Acesso em 17 abr. 2017.

STUMPF, I. R. C., Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, J.; BARROS, A., **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Michael Cole (org.). São Paulo: Martins Fontes, 1991.